

NARRATIVAS DE LEITURAS: memórias de acadêmicos paraibanos

Ilza da Silva Fragoso¹

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira²

Resumo

Registra as narrativas de leituras de intelectuais paraibanos, mais especificamente os que ocuparam a presidência da Academia Paraibana de Letras e que ainda estão vivos, adotando como referencial teórico metodológico os pressupostos da história oral, com enfoque para a temática práticas de leitura.

Palavras-chave:

PRÁTICAS DE LEITURA
MEMÓRIA
LEITURA

1 INTRODUÇÃO

Poderíamos dizer que memórias e práticas de leitura caminham juntas. Quando pensamos em práticas de leitura, reportamos-nos às memórias, ao passado. Quais as práticas de leitura de determinado indivíduo ou comunidade em determinada época ou tempo? As memórias serão imprescindíveis para a resposta da questão. Elas possibilitam o estudo das práticas de leitura que seriam o sujeito da pesquisa, e as memórias, o instrumento. Tanto as práticas de leitura como as memórias são dinâmicas, evoluem de época para época; as primeiras estão relacionadas a hábitos e cultura; as segundas, à imagens e recorrências freqüentes no discurso de uma coletividade. “Na perspectiva dessa construção do passado no presente vivido, é possível projetá-lo no espaço do sagrado. Quem rememora tece uma relação afetiva com o passado com tendência a mitificá-lo.” (GROSSI; FERREIRA, 2001, p. 28).

As memórias também nos remetem ao passado, porque, sendo elas um constructo de experiências vividas, quer seja por um indivíduo, quer seja por um grupo, remontam o passado de recorrências, cuja possibilidade é dada pela narrativa, pela qual se tem uma relação afetiva com o passado. O tempo presente está incluso porque é o nosso ponto de partida. O futuro também está implícito porque buscamos no passado o que queremos reestruturar no presente, e remeter ao futuro que está em função do para quê, da finalidade do que construímos.

As memórias estão afetivamente ligadas ao passado, são lembradas no presente para servirem de referência no futuro. Excluir o futuro dessa relação temporal significa desqualificar a memória. A memória procura restaurar o passado para servir ao presente

¹ Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba e autora do TCC, originalmente intitulado **Memórias de Escritores: Práticas de Leituras de Acadêmicos Paraibanos**.

² Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação e orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Biblioteconomia.

e ao futuro. Logo, para o estudo da memória, três tempos são requeridos: o passado, o presente e o futuro, ou seja, o ontem, o agora e o amanhã.

Faria e Montenegro (2005) deixam claro que a memória é algo vivo entre as pessoas e os grupos. Não há uma intersecção entre memória e história, elas são opostas, embora operem no campo da memória social. Imaginemos um conjunto ao qual denominamos memória social. Estão obtidos nesse conjunto os conjuntos memória e história, sem elementos comuns entre eles. Por quê? Um deixa de ser quando o outro passa a ser. A história tem início quando a lembrança viva desaparecer, quando não existirem mais pessoas para recordá-la ou atualizá-la. Em outras palavras, quando a memória é narrada, ela passa a ser história. A verdadeira missão da história é destruir e repelir a memória, por isso a memória é sempre suspeita para a história.

Os autores Faria e Montenegro (2005) dão preferência ao conceito inacabado de memória, pois, sendo ela uma lembrança viva de pessoas e grupos, adquire diversas formas em situações sociais e históricas específicas. Isso significa dizer que estudar a memória é o mesmo que:

[...] estudar o significado social que as lembranças adquirem em função de temas e questões colocadas pelo presente, bem como avaliar a dimensão de experiências individuais e coletivas que colocam a memória em constante movimento a partir dos desafios sociais, políticos e culturais. (FARIA; MONTENEGRO, 2005, p. 24).

A memória possibilita a construção da história, visto que ela, por meio da narrativa, recorda experiências vividas que se relacionam com outras experiências e com outros sujeitos. São relações entrelaçadas de memórias que tecem a trama de várias histórias. Nessa concepção, quando o narrador, detentor da memória, inclui, na sua narrativa, experiências de outros, as lembranças permanecem coletivas e são lembradas pelos outros. O ato de lembrar transporta o indivíduo ao passado vivido pelos sujeitos.

Montenegro (2001, p. 44) compara a narrativa ao barro na mão do oleiro; ela é, em certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Uma porção de argila nas mãos do oleiro é transformada em uma peça útil ou em uma obra de arte. Igualmente, o entrevistador, ao escutar uma narrativa, poderá, a partir dela, criar um documento escrito para informação ou conhecimento. “A narrativa mergulha a coisa na vida do narrador para, em seguida, retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Em outras palavras, pela narrativa se conhece o narrador porque este vai buscar, no âmago do seu ser, toda a inscrição das imagens, emoções e percepções.

Para Le Goff (1996), memória individual ou coletiva é um elemento essencial da identidade. Por ela [memória], os indivíduos e as sociedades de hoje buscam se identificarem. A memória, enquanto reservatório da história, faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, todas em lutas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. A memória, portanto, é um instrumento de identidade. A memória procura preservar o passado para garantir o presente e o futuro. A história cresce na memória e dela se alimenta.

O termo práticas de leitura também nos reporta ao passado, porque o que se tornou prática já vem sendo há algum tempo, ou melhor, é coisa do passado. Prática, em qualquer sentido, requer tempo para que seja considerada como tal. Prática, no conceito de Holliday (1995, p. 65), “É uma maneira de viver nossa cotidianidade, com toda a

subjetividade do nosso ser, que é muito mais do que só o que fazemos, e que inclui, portanto, o que pensamos, intuimos, cremos, sonhamos, esperamos e queremos.”

A análise dessas práticas, no presente, exige um olhar ao passado, e as marcas que ficaram no passado são as memórias que dependem da razão narrativa para trazer de volta o que ficou inscrito. Está claro que as práticas de leitura dependem das memórias a fim de serem identificadas. Tanto as memórias quanto as práticas de leitura, estão num contexto temporal de passado, presente e futuro.

Esse aspecto temporal das práticas de leitura nos permite analisá-las, tomando como referência as memórias.

2 PRÁTICAS DE LEITURA

Observamos que Chartier se preocupou muito em estudar a história das práticas de leitura, pois não escreveu apenas uma obra sobre o assunto. Para Chartier (1996), é necessário voltar ao passado a fim de constituir o chamado *corpus* de “atitudes antigas” diante da leitura, ou seja, buscar maneiras de ler que já não ocorram sistematicamente no presente.

Para estabelecimento desse *corpus*, Chartier (1996) suscita índices da antiga pragmática. Aos mais privilegiados chamou de “protocolos de leitura”, que são importantes na reconstituição dessas práticas do ato de ler. O primeiro tipo desses protocolos remonta aos elementos que determinado autor dissemina pelo texto, de modo a indicar a correta interpretação que se deveria dar a ele; inscrevem, no texto, a imagem de um “leitor ideal”, que decodificaria o sentido preciso da pretensão do autor ao escrevê-lo. Em se tratando de leitura de quadros, toma-se como base o percurso do olhar particular de um observador que, na função de um leitor cuidadoso, possa dar a interpretação do quadro que seu autor julga a única correta. Outro tipo de protocolo é o que se produz na própria matéria tipográfica, os chamados protocolos de edição ou impressão, que favorecem a extensão da leitura e a caracterização do “leitor ideal”, que pode diferir do suposto pelo autor. Segundo Pécora (1996, p. 11), “[...] para Chartier, fazer a história das práticas de leitura inclui, privilegiadamente, o levantamento dos usos históricos do livro e das várias formas particulares do impresso.”

Outra via levantada para fazer uma possível história das práticas de leitura refere-se às “apropriações” do texto pelo leitor. O caminho mais imediato que se oferece para conhecer essas apropriações é o da confiança dos leitores a respeito de seus modos de ler, dos sentidos que descobrem nos textos. Essas apropriações, de qualquer modo, implicam a consciência de que a possibilidade de leitura se efetua por um processo de aprendizado particular, com resultados de competências diferentes. Cada leitor dá um sentido mais ou menos peculiar aos textos de que se apropria, a partir de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais. É mister distinguir as competências daqueles que aprendem a ler nas instituições escolares, dos autodidatas e daqueles que se tornam também produtores de textos, ou seja, leitores/autores/leitores. Nas sociedades tradicionais, os que aprenderam a ler nas instituições escolares devem ser confrontados com aqueles que conquistaram o escrito com grande luta e cuja competência corre o risco de produzir leituras fora das “normas”, improváveis, rebeldes.

O estudo da leitura remete às circunstâncias e aos usos em que se constrói a sua prática, porém a idéia subentendida dos estudos é de que a pragmática seja constitutiva

do texto como produto cultural, e não, como elemento exterior que se junta a este em dadas situações.

Segundo Chartier (1996), a proposta de uma história das práticas de leitura não poderia resumir-se a uma coleção de casos. As análises particulares teriam que avançar até os elementos estruturais dos textos que funcionam, quer seja como protocolos de autoria ou edição, seja como índice de apropriações.

Uma terceira via para a história da leitura trata de observar ou descrever os múltiplos empregos do termo “leitura”, que proporciona a vantagem de romper com a idéia monolítica e homogênea que se tem do seu processo dado como natural e espontâneo. Bourdieu (1974) alerta para o risco que se pode correr na pluralidade do termo “leitura”, ao se tomarem alguns casos de leitura e, a partir deles, cair na generalização que pode não distinguir práticas muito diversas e propiciar uma espécie de “desvio intelectualista” no exame de práticas como apenas discurso, com o propósito exclusivo para o conhecimento ou a informação. Por essa razão, Chartier (1996) parece concentrar seu interesse relativo às fronteiras da leitura nas relações historicamente dadas entre texto e imagem. Ele investiga as possibilidades de relação estrutural entre o legível e o visível na decodificação de certos livros e quadros.

Voltando à apropriação de Chartier, no Brasil, corre-se o risco de abandonar as referências da tradição pelo novo estudo como único possível. O que era um método ou alguns resultados de casos torna-se moda exclusiva e, como tal, passa à vulgaridade antes dos possíveis resultados obtidos a partir de seus instrumentos. Outro risco é o de submergir no mundo sub-letrado das produções “paradidáticas”, “pedagogizantes”,³ ativas no mercado brasileiro.

Além dos riscos, há ganhos também. O primeiro é que a investigação de Chartier e as dos nove estudiosos que se reuniram em Saint-Maximim, para estudar práticas de leituras, “dependem fundamentalmente do exame de material primário, da visita aos arquivos e do levantamento de dispositivos finos de leituras desses mundos aparentemente arruinados ou mortos”. O segundo ganho é o de “desconfiarmos da naturalidade essencial com que a tradição crítica brasileira tem lidado com as questões das representações letradas” (PÉCORA, 1996, p. 16).

Finalmente, na história das práticas de leitura, algumas vias foram incluídas e, certamente, outras, excluídas.

2.1 PRÁTICAS DE LEITURA E MEMÓRIAS DE INTELLECTUAIS

Quem poderá dissociar os intelectuais de práticas de leitura e memórias? Haverá algum intelectual desprovido dessas práticas, ou que não contribuiu para a construção da memória individual ou coletiva? Ou melhor, haverá escritores que não tenham lido? Respondo que não acreditamos nisso, principalmente por compreender que toda produção textual possui, em si mesma, um autor-leitor.

Já de posse de alguns conceitos sobre práticas de leitura e memórias, resta-nos tecer algumas considerações sobre o que vem a ser chamado de “intelectuais”. Vejamos o que os nossos teóricos falam sobre isso. Iniciemos com a opinião de Sartre: “Um intelectual, para mim, é alguém que é fiel a um conjunto político e social, mas não deixa de contestá-lo”. (epigrafado em GONZALEZ, 2001, p. 9). O intelectual se incumbem de construir tradições àquilo mesmo a que é fiel, é essa a essência da sua tarefa.

³ Produções literárias criadas para auxiliar o ensino e os professores; são textos informativos, mesclados de ciência e literatura, que tomam os jovens leitores apaixonados pela aventura da ciência mais do que pela própria ciência.

Faria (2003) define intelectuais como profissionais que produzem conhecimentos e que se constituem um grupo cultural, ou uma elite cultural. São pessoas cuja influência propicia a formação intelectual de outras pessoas ou de uma célula da sociedade.

Gonzalez (2001) não se distanciou de Faria (2003), quando chamou o intelectual de organizador da cultura; produtor de conhecimentos. Foi além de Faria por reconhecer o intelectual como organizador da cultura. Ele não só constitui um grupo cultural como também organiza a cultura. Diz que “os intelectuais são pedaços de uma argamassa cultural, que se ilude com uma unidade impossível e que está condenada à fragmentação, às lutas sociais. Perduram, porém, traços remotos, nessa luta, de uma prática de conhecimento e de produção cultural unitária” (GONZALEZ, 2001, p. 116-117). O que garante ser comum entre eles é a prática do conhecimento e a produção cultural porque as demais características unitárias são ilusórias. Cada um pensa e age diferentemente, porque os valores que os constituem são diversos e adversos

O autor ainda define o intelectual como sendo “a demonstração, no nível das escrituras dos símbolos, da criação de novos valores, de que esses fatos contraditórios existem como matéria-prima da realidade social”. Segundo ele, “o intelectual é a mais frágil ação que se desenvolve na sociedade, precisamente porque não pode evitar suas contradições. [...] Culpa, desejos e instrumentos flutuam com diferentes pesos e tons na consciência do intelectual” (GONZALEZ, 2001, p. 109-110).

Notadamente se concebe o intelectual com uma porção mínima ou considerável, de todas as características dos sete tipos dados por Gonzalez (2001). A medida dos valores caracterizados é que vai definir a tipologia. Esses valores todos, formando um conjunto unitário, é que vão ditar os tipos de intelectuais, ou melhor, identificá-los.

Os intelectuais não surgem por acaso, eles são construídos de valores culturais, morais e sociais. São pessoas essenciais que se envolvem com os fenômenos sociais e procuram dar, de alguma forma, contribuições de valor para a sociedade de modo generalizado e específico.

Poder-se-iam conceber os intelectuais como homens e mulheres imortais, que não pretendem que o seu potencial seja conduzido consigo ao cemitério, quando se transportar desta vida à outra. Eles atendem ao apelo, como o de Myles Munroe (1993, p. 149), quando assim se expressou: “Deixe sua marca na areia da história e não leve nada do seu potencial para o cemitério”. Tornam-se imortais por suas produções culturais, quer seja nas letras e/ou nas artes da comunicação. Produzem conhecimentos e organizam a cultura, por essa razão passam a fazer parte das heranças culturais e filosóficas da sociedade em geral. Os intelectuais deixam marcas e memórias que fazem à história.

2.1.1 Intelectuais Paraibanos

Denominam-se intelectuais paraibanos os acadêmicos que presidiram a Academia Paraibana de Letras,⁴ no período de 1941 a 2006, e que deram e ainda continuam dando à Paraíba uma notável contribuição cultural. São eles:

Joacil de Brito: A principal atividade do Dr. Joacil é a advocacia. Apesar da sua idade avançada (83 anos), ainda continua na ativa. Além de advogado de defesa, é autor de

⁴ A Academia Paraibana de Letras (APL) foi idealizada por Coriolano de Medeiros. Esse ideal foi concretizado no dia 14 de setembro de 1941. Aberta ao público, a APL realiza, na última sexta-feira de cada mês, o “Chá Acadêmico”. Tem lançado, em seu Auditório Celso Furtado e em seu jardim de *Academos*, livros de sócios e de escritores alheios aos seus quadros.

livros e peças teatrais. Continua em plena atividade na Academia Paraibana de Letras, no cargo de presidente. Relata sua história de vida com enfoque nas suas práticas de leituras. Sua narrativa foi dividida em verbetes temáticos ou “tom vital” como chama Meihy (1998). Em relação as suas leituras pessoais, ele falou que iniciou suas as práticas de leitura ainda no curso primário. Gostava muito de história e me iniciei com o livro de Eudézia Vieira, *História da Paraíba*. Era adotado no curso primário. Depois, no ginásio, tive muitos professores como Mauro Coelho, Aníbal Moura, professores de História da Civilização e de História Geral. Além disso, eu gostava muito de Português. Tive excelentes professores da nossa língua, que Olavo Bilac dissera ser a

“Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na canga impura
A bruta mina entre aos cascalhos vela. [...]”

No primário, lia livros didáticos e, intensamente, a Bíblia, porque minha mãe lia para eu ouvir e aprendi os salmos de Davi, entre outras passagens. Ela era evangélica, da Igreja Presbiteriana, e eu fui criado nessa doutrina cristã e hoje continuo nessa mesma doutrinação religiosa, porém acho que nós devemos evoluir, como já estamos evoluindo, para o ecumenismo. Na minha opinião, o que vale é Cristo, é crer no Senhor Jesus. O que devo fazer para me salvar? Perguntou um homem a São Paulo, quando viu as grades da cadeia, todas abertas. Assustado, atemorizado, quis suicidar-se, pensando que todos os presos haviam fugido. Porém São Paulo gritou: – “Não faças tal, todos dormem, só nós velamos e estamos acordados.” Paulo e Silas tinham sido presos por perseguição, mas cantavam hinos de louvor a Deus, na prisão. Um milagre aconteceu: os anjos do Senhor soltaram os agulhões dos apóstolos e abriram as grades da cadeia. –E o que devo eu fazer para me salvar? Perguntou o centurião, ao que Paulo respondeu: – “crer no Senhor Jesus e serás salvo, tu e tua casa.” E, naquela mesma noite, naquela mesma madrugada, ele levou Paulo à sua residência, fez a sua profissão de fé em Jesus Cristo, e foram batizados, ele e a sua família.⁵ Recentemente tive conhecimento de trechos da *Biografia de Gandhi*, meu filho mais velho ficou empolgado com a leitura desse livro. Gandhi se confessou um imitador do Senhor Jesus Cristo. Então eu questiono: esse homem não era nem católico, nem de uma denominação evangélica, mas imitou a Cristo. Será que ele não foi para o seio do nosso Pai Poderoso, Misericordioso? Um homem que fez tudo de bom na vida. O importante é ter Cristo como centro, seja católico sincero, não aquele católico que empresta dinheiro a juros e diz que é católico, seja de outra religião, o que importa não é só o ritual, é a crença e a fé no nosso Senhor Jesus Cristo. E Ele disse que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos. Não é verdade? Então o centro disso tudo é o nosso Senhor Jesus Cristo.

Eu lia o que achava agradável. Quando o livro não me agradava, lia uma parte e o abandonava. Enquanto estudante, lia para aprender, para me instruir, por exemplo, livros acadêmicos, livros de direito, li vários. Era estudante pobre, mas ia para a biblioteca da Faculdade de Direito do Recife, consultava obras de autores nacionais e de juristas estrangeiros. Estudava em autores diversos; lia, tanto em português como em espanhol. Depois aprendi um pouquinho da língua francesa, o suficiente para ler alguns livros. Lia muito e aprendia muito, fui aluno que só tirava nove e dez, nove e dez, por isso fui laureado com um prêmio de uma viagem à Europa.

⁵ Episódio bíblico narrado por S. Luca, no livro de Atos dos Apóstolos, cap. 16: 19-40.

Já na adolescência, além dos livros didáticos, comecei a ler romances. Nessa fase da vida, dava preferência a esse gênero de ficção. O primeiro romance por mim lido foi o do escritor português Camilo Castelo Branco. Depois li, entre muitos outros, uma obra de cinco volumes, *Jean Cristophen* do escritor Romain Rolland. Caiu-me nas mãos *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, e fiquei empolgado. Desde então, comecei a admirar este romancista. Li, também, já estudante do Liceu, *A servidão Humana*, de William Somerset Maughman, que é um livro lindo.

Li todos os romances da autoria de José Lins do Rego; dele tenho toda a coleção. Os livros de José Américo, li todos e me foram oferecidos de seu próprio punho. Depois ele me presenteou com as novas edições de *A Bagaceira*, também *Coiteiros*, *Boqueirão*, *A Paraíba e seus problemas*, e assim por diante, li todos os seus livros. Muito me entusiasmou o seu livro *A Paraíba e seus problemas*, que, como já disse, ainda hoje é atual, exceto nas estatísticas. Li muito também Graciliano Ramos. Li *ainda Nabuco de Araújo*, um estadista do Império, da autoria de Joaquim Nabuco, seu filho. Nabuco de Araújo foi Conselheiro do Império. Também li quase toda obra de Gilberto Freire. As leituras, sempre as fiz com muita emoção, muita paixão, porque na minha época nós éramos ardentes, de certo modo românticos e revolucionários, uns mais e outros menos. Li muitos livros sobre Marx, Engel, sobre o chamado socialismo científico e as diversas modalidades do socialismo. Socialismo utópico de Fourier e Prudhon e assim por diante. Nunca fui comunista, mas tinha uma espécie de inclinação, de admiração profunda pela doutrina de Marx. Repeli o comunismo por ele ser materialista e eu era e sou deísta, sempre acreditei em Deus. Recebi até convite de Luís Carlos Prestes para entrar na juventude comunista e ainda fui a duas reuniões de células, nesta capital. Mas a filosofia do comunismo é materialista, ateu e eu não aceitava isso. Durante toda a minha vida, graças a Deus, acreditei NELE.

Publicações

Principiei minha vida literária com um ensaio biográfico sobre Afonso Campos, intitulada *O homem público Afonso Campos*, publicado em 1967. Depois eu fiz um discurso, uma platéia de posse na Academia e publiquei um livrinho. No Instituto Histórico, também escrevi um livrinho sobre Seráfico Sênior; tenho outro sobre o Senador Gama e Melo, que é também um ensaio biográfico, é o meu discurso de posse. Publiquei outras obras, as quais relacionarei à medida que chegarem à memória: *O sufrágio universal*; *Idealismo e Realismo na obra de Maquiavel* (2 edições); *Novais Júnior*: apóstolo da justiça e da caridade; *Um estadista do Império e da República*; *Uma vocação política*; *De mestre-escola a Presidente*; *Um título de cidadão*; *O voto distrital*; *Primeiro ano no Parlamento*; *Segundo ano no Parlamento*; *Terceiro ano no Parlamento*; *Pena de morte*; *Minha luta no Parlamento* (3 volumes); *Revisão Constitucional*; *Temas de Direito Público*; *Argemiro de Figueiredo*; *Chateaubriand, o construtor do futuro*; *José Américo de Almeida*: A saga de uma vida; *A vida e o tempo*: memórias; *Oratória do seu tempo*: idéias e perfis. Já fiz duas peças, uma delas, a primeira, é *A maldição de Carlota*, que foi encenada aqui no Teatro Santa Roza e em alguns teatros do estado paraibano, como o de Areias, o de Campina Grande, um grande sucesso de bilheteria e de crítica, graças a Deus. Porém tenho uma outra peça, *Olga Benário Prestes*, que foi prêmio nacional na categoria de teatro, prêmio nacional concedido pela Secretaria de Educação e Cultura da capital pernambucana. A Prefeitura do Recife confere premiações nos diversos gêneros:

poesias, romances, ensaios, reportagens para jornalistas e também para teatrólogos. E eu sempre gostei de teatro, fundei, quando estudante no Liceu, o *Teatro de estudante da Paraíba* com um grupo de colegas, rapazes e moças, até encenamos a peça *Se o Anacleto soubesse*.

Luiz Augusto da Franca Crispim

O acadêmico exerce as funções de advogado, jornalista e professor. É escritor, poeta e cronista. Continua produzindo obras literárias.

Vida literária

Comecei a escrever provavelmente nos anos 60, com um pequeno volume de ensaios intitulado *Por uma estética do real*. Isso me valeu uma premiação. Um desses ensaios sobre a obra de Euclides da Cunha (1968) foi premiado pelo Ministério de Educação e Cultura e, em seguida, por um concurso promovido pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Paraíba. Além desses, recebi mais outros dois prêmios: Menção Honrosa da Fundação Cultural “Manuel Bandeira”, de Campina Grande, por serviços prestados à cultura paraibana, em 1973; Prêmio Esso de Jornalismo Regional, com um trabalho sobre a SUDENE (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), intitulado *Incentivo para uma economia de cordel*, em 1975. Esse prêmio foi uma espécie de Oscar do jornalismo brasileiro. Isso me encheu de orgulho, mas esse orgulho fez parte da minha trajetória.

Então passei a escrever mais seriamente, e eu sofria um problema muito sério: é que o ensaísta, o escritor que se envolve com temas, às vezes, áridos, tende a não se tornar muito claro no que escreve, no que expressa. Em meio a essa quase obscuridade, eu tive uma dificuldade muito grande porque o meu público era muito reduzido. Eu percebia que poucas pessoas se interessavam por aquelas questões de natureza filosófica, de técnica literária, de uma crítica literária mais específica. Com essa percepção, decidi perseguir, tenazmente, uma proposta de me tornar claro. Foi isso que me fez sair da área propriamente jornalística. Preocupado com a ausência de clareza nos textos, comecei a escrever crônicas, um gênero que alguns acreditam ser literário, outros acham que não, que é meramente jornalismo. Eu considero as duas coisas ao mesmo tempo, porque a crônica é o registro das ocorrências que envolvem a consciência do cidadão, do ser humano. Então, é um flagrante, o nome até ajuda a compreender; *cronos*, em grego, significa tempo e é um registro daquilo que está ocorrendo naquele momento. Então, a crônica é um exercício diário. Há trinta anos escrevo diariamente, com pequeníssimos intervalos, mas devo ser, hoje, o cronista mais assíduo da imprensa paraibana.

Iniciei a carreira jornalística no Correio da Paraíba, em 1972, e nunca mais pude me livrar dessa contaminação, que é a vontade de fazer jornal, de escrever, de me misturar com as tintas do jornal. Essas tintas acabaram imprimindo uma parte da minha biografia. Sou escritor, jornalista, poeta, cronista. Trabalhei, inicialmente, para o Correio da Paraíba, depois, para O Norte e, novamente, para o Correio da Paraíba, no qual tenho uma coluna diária.

De três anos para cá, passei a escrever também no Jornal do Comércio, em Recife, por conta de uma ligação que eu tenho com essa cidade e com Gravatá, ainda ligado a essa conciliação entre a advocacia e a literatura. Sou obrigado a sobreviver, por isso me desloco com muita frequência para essas duas cidades.

Vários livros de minha autoria já foram publicados. Em uma ordem cronológica, aqui estão: *Por uma estética do real* (ensaios), 1968; *O arco e a fonte* (crônicas); *Os anéis da serpente* (romance); *A expiação de Orfeu*, 1981; *Poemas da estação*, 1981; *Os pecados da tarde* (poemas), 1984; *As artes da paixão* (crônicas), 1985; *Os delitos da Glória* (Coleção Literatura Viva), SEC/APL, 1985; *Estudos preliminares de Direito* (Introdução ao estudo do Direito), 1997; *A dama da tarde* (crônicas), 2001. Escrevi também, motivado pelas necessidades de racionalização do material de administração da cadeira de Introdução ao Direito, um compêndio de *Introdução ao Direito*, que foi editado pela editora Saraiva, de São Paulo. Essa edição deve estar sendo revisada agora. Ao concluir o Mestrado em Filosofia do Direito, fiz uma dissertação que deverá se transformar também em um novo trabalho, cujo título é *Fundamentos de uma teoria do direito reativo*.

Diante da minha narrativa, meus leitores podem me imaginar uma pessoa um tanto quanto dispersiva, porquanto me envolvo, ora com um ramo do pensamento, do conhecimento, ora com outro, mas eu sou assim mesmo, sou sôfrego, inquieto, com relação às possibilidades de exploração da alma humana.

Leitura: início e progresso

Uma curiosidade que eu gostaria de registrar é que fui muito precoce na leitura e aprendi a ler com um método diferente dos utilizados pelos pedagogos da época. Meu pai comprava o *Jornal do Comércio*, porque os jornais da Paraíba eram muito limitados naquela época, por conta da exigüidade dos meios de comunicação. Em 1950, não me lembro, mas acho que o *Correio da Paraíba* ainda não existia, somente *O Norte*, e talvez *A Tribuna*. Sei que os jornais do Recife circulavam aqui com muita intensidade, *Jornal Diário de Pernambuco* e *Jornal do Comércio*. Numa página que o antigo *Jornal do Comércio* publicava aos domingos, era uma página de quadrinhos, meu pai, habitualmente, e em forma de brincadeira, mostrava-me os quadrinhos e me apontava as letras, então eu comecei a reunir as letras e a formar palavras. Foi um método áudio-visual interessante, improvisado por meu pai e minha mãe. Eles ficavam brincando com as letras e as figuras que eram publicadas nessa página do *Jornal do Comércio*. Foi assim que eu, praticamente, aprendi a ler, com essa figuratividade que se apresentava tão espontaneamente. Tinha cinco anos, quando aprendi a ler.

Cinquenta e tantos anos depois, eu tive a oportunidade, ao ser convidado para escrever no *Jornal do Comércio*, de contar essa história numa crônica e, dizendo, inclusive, que jamais imaginava que um dia eu pudesse escrever num jornal onde eu aprendi a ler.

Manuel Batista de Medeiros

É ex-padre, exerceu funções sacerdotais até o início do ano 1970. É professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba e professor ativo no UNIPÊ. É fundador e primeiro Reitor da Universidade Autônoma de João Pessoa, o atual UNIPÊ. Exerce as funções de advogado de defesa.

Vida literária

Sempre gostei de Literatura. No seminário, ensinava português e latim. Meu curso lá na Faculdade de Filosofia foi de línguas, como já disse, depois me fizeram professor de Literatura da língua portuguesa e Literatura da língua latina, nelas eu fiquei 25 anos, lá na Universidade Federal da Paraíba. Gostava sempre das línguas, participava dos concursos literários.

No Seminário havia grêmios e inventei um jornal que, no início, era clandestino, fazíamos sem a ordem dos padres superiores. O jornalzinho era feito num caderno, e nós arrecadávamos contribuição dos alunos, de A, de B, de C, e fazíamos aquilo como se fosse uma revistazinha. Fazíamos escondidos dos superiores porque não era permitido. Quando descobriram, foi aquele reboliço, um alvoroço, mas viram os padres que era uma boa idéia, e então oficializaram o jornal que se chamava *Arma Veritatis*, a arma da verdade, nome indicado por mim.

Fizeram-me também diretor do jornal *A Imprensa*; que ,tinha a melhor gráfica da época aqui e eu era o diretor comercial, quer dizer, dirigia a parte gráfica. Depois do jornal, quando ele ficou semanário, lá trabalhei, publiquei vários livros; todas as revistas científicas da época, aqui, saíam de *A Imprensa*. Gostava disso e então escrevia nos jornais. Escrevi muito no jornal *A União*, fui até remunerado pelas crônicas, *O Norte* e o *Correio da Paraíba*. Depois colaborei com os semanários locais, e hoje tenho vários livros, são dez publicados, entre eles: *Idéias, Pessoas e Coisas*, 1958; *Crônicas de quase Crítica*, 1963; *Acadêmicas*, 1998; *Paraibanos na Academia Brasileira de Letras*, 1999 (2 edições); Prefácios de alguns livros e centenas de artigos nos jornais *O Norte*, *A Imprensa*, *A União* e outros livros.

Estou com mais dois no prelo. Hoje não existe mais prelo, o computador resolve tudo. Estou com outro, *Fragmentos*, um pouco mais denso, com vários assuntos de direito, filosofia, história, são discursos e conferências feitas por mim. Então tenho dez livros publicados e caminhando para o décimo primeiro e o décimo segundo.

Primeiro livro lido

Quanto ao primeiro livro que li, eu me lembro, curiosamente, tenho uma boa memória, foi um livro que tive acesso no curso primário, era um livro de leitura chamado *João Pergunta*. Estudei nele. Estou falando porque entrei na escola primária em 1934. Então, naquele tempo, na composição didática do curso primário, havia primeiro livro de leitura, segundo livro de leitura, de Purgari Barreto, umas histórias muito curiosas que eu ainda me lembro de algumas, de Donato, por exemplo, mas havia também esse *João Pergunta*, que era um livro científico. A ciência era ensinada com a indagação de João, um personagem infantil, a um outro personagem instruído na ciência. Por isso o título *João Pergunta*. Havia um outro livro também de leitura, mas era de saúde, de higiene, *A Fada Hígia*. Hígia quer dizer saúde. *A Fada Hígia* era o nome de um livro que o aluno era obrigado a ler, e eu me lembro que li esse livro, mas me lembro do livro de *João Pergunta*, que fazia perguntas: – o que é uma nuvem? – É uma formação.

Aprendi a ler esses livros e também despertei o gosto pela leitura do jornal. Meu pai era um homem que só sabia assinar o nome, mas era um homem inteligente, gostava de saber as coisas e assinava o jornal diário daqui da capital, o jornal *A Imprensa*, do qual fui diretor comercial depois de padre. Meu pai assinava esse jornalzinho que chegava três vezes na semana, lá em Serraria, e eu o lia para ele, então me afeiçoei à

leitura. Lia para ele e gostava de ler para mim, e aquilo me fez também despertar o gosto pelo jornalzinho que depois pude exercer a função de Diretor Comercial de um grande diário. Então hoje posso escrever alguma coisa.

Gênero literário de preferência

Como literato, prefiro o gênero narrativas, crônicas, a literatura em geral. Gosto de História. Como padre, é evidente que os livros religiosos tinham preferência, eu me lembro que li o *Confiteor*, de um escritor paulista, Paulo Setúbal, que conta a história da conversão dele, muito bonita. Li livro de História de Gustavo Barroso, um escritor do Norte. Sempre gostei muito de História e lia as obras dele. E na literatura, eu apreciava muito a literatura latina, porque eu era Professor de latim e de Literatura latina. De tal maneira que, ao pegar um livro meu, vai ver que eu cito, no início, várias frases de autores latinos. O livro *Paraibanos da Academia Brasileira de Letras* eu publiquei em primeira e segunda edição, porque primeiro só havia cinco paraibanos na ABL, depois entrou o sexto, que foi Ariano Suassuna. São os discursos de posse de cada um dos seis paraibanos que ingressaram na ABL, a contar de Pereira da Silva (primeiro paraibano que entrou na Academia Brasileira de Letras, autor de uma poesia lindíssima), Assis Chateaubriend, José Lins do Rego, José Américo, General Lira Tavares, Ariano Suassuna e Celso Furtado.

Wellington Hermes Vasconcelos de Aguiar

Aposentado das funções de advogado, mas continua na função de jornalista no *Correio da Paraíba*, é um historiador, já contribuiu muito para a cultura paraibana.

Primeiras leituras

Não me lembro quantos anos eu tinha quando comecei a aprender a ler. A mais antiga professora, que ainda lembro, era a D. Enedina, diretora do Educandário Santa Lúcia, em Fortaleza. Quando chegamos ali, eu tinha sete anos, eu já estava no primário, e D. Enedina era a minha professora. Já tinha frequentado escola no Amazonas, mas não me lembro. Nesse educandário Santa Lúcia, eu já tinha sete anos, eu já lia, mas a idade em que aprendi a ler, não sei. Fiz o primeiro e segundo ano primário com sete anos de idade.

Não lembro o primeiro livro que li. Já li muito. Vou citar dois ou três livros que me impressionaram. Primeiro, uma biografia do presidente João Pessoa, escrita no início dos anos trinta, após sua morte, por um dos seus secretários, que era Ademar Vidal. Conheci-o pessoalmente, foi para academia já velho, morava no Rio de Janeiro, era procurador da República, homem ilustre, deixou cerca de vinte livros. O Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) preserva vários livros dele. Escreveu um livro intitulado *O incrível João Pessoa*, li-o, em 1953, na antiga biblioteca pública do Estado, que fica aqui à Rua General Osório. *O incrível João Pessoa* me impressionou muito. Depois eu li *A história da guerra civil espanhola*, em 2 volumes. Essa guerra civil se deu em 1936, na Espanha, tinha vinte anos quando li. Dava preferência aos livros de história política.

Nos anos 60, o mais impressionante livro que eu li foi *O Ano do Nego*, de José Américo de Almeida. Que beleza! Como é bem escrito! José Américo era um mestre da

arte de escrever. *O ano do Nego* relata fatos do ano anterior à morte de João Pessoa, que governou apenas um ano e nove meses, e foi quem colocou José Américo na política. Este se tornou o braço direito de João Pessoa. Então ele conta todos os fatos, com detalhes, é um livro belíssimo! Não é muito volumoso, é um livro de umas 300 páginas. José Américo se encontrava no sertão, chefiando os grupos de soldados paraibanos e estudantes que lutavam contra o “coronelismo” de Princesa. O Quartel General Paraibano das Forças Estaduais tinha sede em Piancó. José Américo estava lá há três meses, era Secretário de Segurança, um homem muito corajoso e calmo. É a coragem calma, a verdadeira coragem. João Pessoa não o enviou ao sertão, com receio de que ele perdesse a vida numa emboscada, mas José Américo fez questão de ir, era uma obrigação. O coronel José Pereira se rebelou contra o governo do Estado, por conta do desprestígio que João Pessoa impôs ao “coronelismo”. João Pessoa era um modernizador, um reformador. O coronel José Pereira espalhou seus capangas por todo o Estado, vários grupos de dez, tumultuando tudo, tocando fogo, incendiando, cada grupo tinha um chefe. José Américo tinha ido ao sertão, combater esses grupos com alguns soldados da polícia e alguns voluntários. Onde ele sabia que tinha um grupo fazendo desordem e incêndios, ia atrás. Era muita coragem! Ele conta tudo isso no livro, *O ano do Nego* que é um livro lindo, lindo, lindo!

A revolta dos paraibanos, quando souberam da morte de João Pessoa, foi muito grande, não só na capital, mas em outras cidades maiores, como Campina Grande. Quando o povo soube do assassinato de João Pessoa, tocou fogo em todas as casas residenciais e comerciais dos adversários, que eram poucos. Meu pai, que não era político, nunca foi partidário de nada, nem sequer de João Pessoa, tinha dezoito anos, e disse: –“Em um instante não ficou nada”. A cidade ficou um verdadeiro dia às seis horas da noite, quando a notícia chegou. Não foi nada orientado, orquestrado, foi espontâneo, porque João Pessoa era um líder, o maior que a Paraíba já teve aqui, porque Epiácio Pessoa foi o maior fora do Estado. Não só por ter sido um Presidente, foi um jurista, muito mais do que um juiz. Fez o Código Sul-americano do Direito Internacional e representou o Brasil como chefe da Delegação Brasileira em Versalles, na França, ao término da Primeira Guerra Mundial. Epiácio não era um reformador, querendo nós ou não, mas o admiro muito. Foi chefe da oligarquia e quem encaminhou João Pessoa à presidência do Estado da Paraíba. Até 1930, chamava-se presidente do Estado.

Mas não é a primeira vez que a criatura se rebela contra o criador. João Pessoa substituiu todos os prefeitos que foram partidários de Epiácio, quando presidente do Estado. Esses prefeitos já estavam administrando esses municípios há uns 12, 13, 15 anos, como o de Campina Grande, que ficou mofando ali, acomodado há quinze anos. Demitiu todos os prefeitos e nomeou médicos, bacharéis e até padres para as prefeituras municipais.. Mudou tudo. Para Umbuzeiro, terra dele e de Epiácio, ele nomeou um sujeito que não era partidário dos Pessosas, e foi reclamado por um primo, pai de Carlos Pessoa, a quem conheci.

Na minha adolescência, eu li muito as obras de José Lins do Rego. São belos quase todos os romances de José Lins, principalmente *Menino de Engenho e Fogo Morto*. Li todas as suas obras. *Menino de Engenho* é um romance lindo, lindo, lindo! Embora a crítica nacional, há muitos anos, diga que o melhor trabalho dele é *Fogo morto*, eu acho que é *Menino de engenho* porque é um verdadeiro poema! Eu tenho dele e li, também na adolescência, e guardo até hoje, *Meus verdes anos*, que é um menino de engenho sem a imaginação, é a biografia, a memória dele. José Lins morreu muito

moço, com 56 anos, nasceu em 1901 e morreu em 1957. Eu estava no Rio quando ele morreu, tinha me transferido há um mês.

Agora, vejam o que é a inveja humana. Aqui, alguns professores do Liceu e da própria Faculdade de Direito diziam que José Lins do Rego escrevia errado. Não podiam manifestar a inveja de outra maneira. José Lins escrevia certo, escrevia com a língua do povo. Já disse Manuel Bandeira: “língua certa do povo, língua errada do povo”, é o povo que faz a língua do país. José Lins escrevia certo, escrevia diariamente no jornal *O globo*, o melhor do Rio, o melhor da capital da República, sobre futebol, que era o assunto de sua preferência. Quem não escrevia com correção não ficava no Globo.

O Globo era o melhor jornal, até hoje tenho o manual de redação e estilos dos grandes jornais do Rio e São Paulo. Li muitos grandes jornais. Aprendi muito, lendo os grandes jornais, os quais são: *O globo e o Jornal do Brasil*, no Rio, *São Paulo*, no Estado de São Paulo e a *Folha de São Paulo*. Grandes jornais! São bem escritos, são corretos no português. Li outros autores, mas o que mais me marcou foi José Lins do Rego. Fui a Itabaiana e vi o colégio onde ele estudou, um prédio grande, o colégio do Professor Maciel. Estava fechado, quando lá estive, há uns cinco anos para fazer uma palestra.

Também li Graciliano Ramos, que é um grande escritor, ainda na minha adolescência. *Caetés, o Ilustre* e outros livros que ele tem. E Machado de Assis, o mestre de todos? Esse, ainda hoje leio. Li também Lima Barreto, coitado, morreu frustrado, nunca foi reconhecido como merecia. Escreveu, não muito, porque morreu moço. Estudava na Escola Politécnica do Rio e abandonou os estudos antes de concluir. Dos romances de Lima Barreto, o que mais gostei foi *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Ainda acho que o Machado de Assis foi muito maior. Tenho um amigo que diz que Lima Barreto foi o maior. Não se pode compará-lo a Machado de Assis.

Todo esse acervo de romancistas, eu li na biblioteca pública, aqui perto, à Rua General Osório, com dezesseis anos, quando eu vinha de férias dos colégios internos. Lia-os na biblioteca porque não tinha dinheiro para comprá-los. A minha madrasta não deixava meu pai comprar livros. Foi muito má, e não sei por quê, até parentes dela dizem isso. Basta dizer que, dos quatro filhos de minha mãe, somente um dos homens falava com ela, quando se encontrava por acaso. Os outros dois, eu e Mano, éramos seus inimigos pessoais. Por esse motivo, ficávamos mais tempo internos. Essa madrasta não nos queria em casa. A família dela era boa, a família Castro Pinto, deu até Presidente do Estado, povo muito bom, amigos de todos. Acompanhei o irmão dela, pai do grande poeta Sérgio Castro Pinto, durante os últimos meses de sua vida. Somente ela não prestava para nós. Morreu angustiada, de certa forma prematuramente. Meu pai viveu quase noventa anos, 89 e quatro meses, e Lenira mal completou 74 anos, quase que ela morria primeiro do que meu pai. Criou bem os seus filhos, me disse José Nestor, meu irmão, filho dela, com quem me dou bem. Este é médico em Recife. A Glória é engenheira e auditora da Receita Federal, posição que conseguiu por concurso, e José Nestor é médico famoso, cirurgião vascular, recebeu há pouco tempo o título de cidadão de Pernambuco. Meu pai pagou para ele um curso de especialização em cirurgia vascular, na França, há mais de trinta anos. Meu pai podia fazer isto. Naquele tempo, um Fiscal de Consumo tinha participação nas multas, de cada multa que ele lançava sobre a indústria ou comércio, tinha a metade do seu valor, e a outra metade era para o governo federal.

Primeiro livro que comprei

O primeiro livro comprado com o meu dinheiro foi um livro que comprei e não li, porque era muito novo, eu tinha 12 anos, era *Os irmãos Caramazov*, de Dostoievski, um escritor profundo, é um romance. Li-o 10 anos depois porque, antes, comecei a ler e me deu sono porque é um mergulho muito importante na alma humana. Era Dostoievskii um dos maiores romancistas. Eu tinha 12 anos, vi isso e comprei, achei a capa bonita. Fui ler, não agüentei, li depois de 10 anos, com vinte e dois anos. É um romance persuasivo, esquadrinha a alma humana. Os filhos dessa família Caramazov eram tarados, terríveis, e eu estava sendo influenciado por eles. É literatura russa que é importante, mas é um mergulho na alma humana. Machado de Assis tentou fazer isso.

Vida literária: publicações

Em 1977, publiquei meu primeiro livro, que é uma reunião de meus artigos de pequenos contos da imprensa local, *O passageiro do dia*. Já escrevia nos jornais, tenho a carteira e sou sócio do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Paraíba. Sempre gostei de escrever na imprensa, fui jornalista profissional até hoje. Este livro foi lançado no Restaurante Cabo Branco, no Miramar, em 1975. Na ocasião, não tive muita emoção.

Ao longo do tempo, fui publicando os meus livros. Atualmente, tenho alguns, os quais passo a mencionar: *O Passageiro do dia (1)*; *Um radical republicano contra as oligarquias (2)*; *Uma cidade de quatro séculos (3)*, que é um livro de pesquisas sobre João Pessoa, quando a nossa cidade comemorou quatrocentos anos, em 1985. Eu e José Otávio fizemos esse trabalho de pesquisa, são sessenta textos sobre a cidade, os autores mais antigos, a partir do sumário das armadas e guerras que se fizeram na conquista do rio Paraíba. Conta o início de tudo, da nossa Paraíba. É, para a Paraíba, o que a carta de Pero Vaz é para o Brasil; tem como título *Uma cidade de quatro séculos: sumário das Armadas que se deram e guerras que se fizeram na conquista do rio Paraíba*. É escrito por mim e José Otávio, o único livro meu escrito com parceria, livro de mais de trezentas páginas. Nele, eu conto todas as coisas, várias curiosidades da nossa cidade. Gosto muito da cidade, e gosto mais ainda do nome de João Pessoa, que foi dado à capital da Paraíba, em 1930. João Pessoa foi o maior paraibano, o segundo lugar no paraibano do século, só perdeu para Augusto dos Anjos porque a mídia fez uma campanha em favor de Augusto.

O quarto livro tem como título *Cidade de João Pessoa: a memória do tempo*. Esse eu fiz sozinho, é a história das ruas principais e mais antigas de João Pessoa. Esse foi um livro meu que tirou mais edições, três edições. As edições aqui na Paraíba são pequenas, de quinhentos exemplares ou de mil, eu sempre faço de mil. Foram vendidos três mil exemplares desse livro.

O primeiro nome da nossa capital não foi Paraíba, como muitos pensam, e sim, cidade de Nossa Senhora das Neves. Já nasceu cidade, por isso se diz que João Pessoa é a terceira cidade do Brasil. Porque outras cidades como Olinda, Recife e Goiana são mais antigas do que João Pessoa, mas, como cidade, não. Aquelas, antes de serem cidades, foram núcleos urbanos, no entanto João Pessoa, antes de ser núcleo urbano, foi cidade. Nasceu cidade por decreto real, construída numa capitania da coroa e pelo dinheiro da monarquia portuguesa. Por isso ela foi uma capitania real. Então, ela é a terceira cidade do Brasil; Salvador é a primeira (capital do Brasil em 1549), e a

segunda, o Rio de Janeiro, nascida em 1565, com o nome cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, também construída com o dinheiro do Rei. Por que? Por causa das lutas contra os franceses, pouco antes de os pioneiros e franceses tomarem conta daqui. Então, a terceira cidade do Brasil é a nossa atual João Pessoa. Já nasceu cidade, o povo confunde núcleo urbano com cidade.

O quinto livro foi uma biografia curta de 85 páginas, do Dr. Luiz Gonzaga de Miranda Freire, uma pessoa de destaque, que foi prefeito da capital, médico famoso, professor da Faculdade de Medicina e Deputado Estadual. Era conhecido por Dr. Miranda.

O sexto livro é *Um opositorista nas trincheiras*. Este nasceu da inspiração da vida do Dr. Miranda. Eu gostava muito dele, ajudou-me no início da minha vida. Era um homem boníssimo, era realmente um opositorista nas trincheiras durante os quatro anos que ele passou como Deputado Estadual, depois de haver sido prefeito eleito da nossa cidade.

Fiz também uma biografia de João Pessoa, livro pequeno, de 50 a 60 páginas. A razão deste livro foi um plano do jornal *A União*, um programa muito interessante sobre os quinhentos anos do Brasil, em 2000. O programa pretendia preservar a memória de paraibanos ilustres. *A União*, sabedora da admiração que eu tenho pelo grande presidente João Pessoa, me chamou para escrever sobre ele. A reunião desses textos deu origem ao meu sétimo livro, ao qual dei o título *A velha Paraíba nas páginas dos jornais*.

O oitavo livro foi *João Pessoa, o reformador*, um livro de mais de trezentas páginas, resultado do estudo, durante quatro anos, da ação do presidente João Pessoa na Paraíba e antes de vir à Paraíba. Ele era Ministro do Tribunal Superior Militar no Rio de Janeiro, capital da República. Foi elogiado por Rui Barbosa no Senado, por sua atuação como Auditor do Tribunal Militar e que, antes de ser Ministro, teve a ousadia de condenar um almirante a vários anos de cadeia. Na revolta de João Cândido,⁶ em 1910, esse almirante matou uns dez ou oito, e o processo rolava e a Marinha não queria ver o seu almirante preso, mas João Pessoa o manteve preso, mesmo não sendo autoridade para isto. Houve confusão, os oficiais da Marinha invadiram o Tribunal do Rio de Janeiro. Foi briga, até que Rui Barbosa - na época, Senador pela Bahia - era o homem mais importante do Brasil, intelectualmente, o oráculo da nação, todos o respeitavam e o ouviam - fez um discurso elogiando pela atuação de João Pessoa. Eu reporto isso tudo no meu livro, *João Pessoa, o reformador*. Estudei, modéstia à parte, a fundo e também desmistifiquei aquela história de que João Pessoa fora assassinado porque *A União*, jornal do governo em 1930, publicou as cartas amorosas de Anaíde Beiriz,⁷ mandadas a João Dantas. Isso era uma mentira histórica cabeluda. Isso não existiu. Nunca existiu isso. No meu livro, *João Pessoa, o reformador*, que foi o meu último livro, na primeira página está impresso: “publicam-se as cartas encontradas no escritório de João Dantas”. Não tinha nada com amor, muito menos com Anaíde. Era uma mentira histórica igual àquela que se ouviu falar de Caramuru, o homem do fogo. Deu um tiro na Moréia, quem disse isso não foi Wellington Aguiar, foi Câmara Cascudo que era um sábio e é verdade. Moréia, e não Caramuru. Foi encontrado entre as locas de pedra na Bahia. Eu me recordo que, há anos, um baiano, presidente do Conselho de Cultura, me mostrou umas locas de pedras grandes, à beira-mar e disse: - “Segundo a tradição, Caramuru foi encontrado aqui”. Visitando o Museu Histórico Nacional no Rio, vi a estátua de Diogo Álvares, com uma etiqueta e o nome embaixo: “Caramuru, o homem do fogo”. Procurei

⁶ Revolta das Chibatadas, causada pelo castigo de 250 chibatadas dadas a um marinheiro em Minas Gerais.

⁷ Anaíde Beiriz é poetisa e professora paraibana que, nos relatos históricos, foi a amante [namorada] de João Dantas.

a diretora e disse que aquela informação não era verdadeira. Então ela me disse: – “Faça a sua contestação por escrito, me mande que eu designo uma comissão de três PhDs em História para estudar o assunto”. Eu fiz. Três anos depois, fui ao Rio e tive a curiosidade de verificar aquela informação. Lá estava Moréia, em lugar de Caramuru. Um historiador errou, dizendo isso, e os outros repetiram até que Câmara Cascudo, há uns trinta anos, apenas, desmentiu.

Então as cartas de João Dantas são mentiras históricas iguais à de Caramuru. Não tem nenhuma. Eu tenho os originais do jornal *O Norte*, inclusive, publiquei, no meu livro, as publicações dos dias 22, 23, 24, 25 e 26 de julho, a parte que publicou as cartas. As cartas tratavam de assuntos particulares entre o pai e o irmão de João Dantas, mostrando como estavam fazendo para se apropriar, para furtar o dinheiro da IFOCS (Inspetoria Federal de Obras contra as Secas). Então eles mostravam como estavam fazendo para se apropriar dos dinheiros federais. Porque, a essa altura, João Pessoa rompera com Washington Luís, presidente da República, e João Dantas e a família tinham ficado ao lado de Washington Luis. Então estavam sendo beneficiados, como acontece sempre, e estavam metendo a mão no dinheiro.

A manchete daquele dia em *A União*, eu tenho em casa o original, estampou na primeira página a mais forte manchete contra os Dantas: “A quadrilha dos Dantas avança sobre os dinheiros públicos federais”. Essa manchete transcrevia uma carta de João Dantas, dizendo como estava fazendo para apropriar-se de dinheiros da Inspetoria Federal de Obras contra as Secas. Dantas matou um homem sentado, que não o conhecia pessoalmente, ele não morava aqui, morava no Rio. Estava aqui há um ano e nove meses. E, numa cidade, todo mundo conhece o vigário, mas o vigário não conhece todo mundo. Preso, depois do crime, João Dantas declarou à Polícia que matou João Pessoa porque o nome da sua família, especialmente o nome do seu velho pai, estava sendo desmoralizado. Falou em Anaíde Beiriz, nem carta de amor, nem história nenhuma, isso é uma mentira histórica. *A União* também confirma, examinando essas cartas encontradas no escritório de João Dantas. Dizem que foram encontradas umas páginas contendo coisas tão imorais que não podem ser publicadas. Mas essas páginas ficaram na Polícia à disposição de quem quiser vê-las, mas não podem ser publicadas porque ofendem à moral e aos bons costumes. Ele era solteirão e relatava, nessas páginas, segundo a tradição oral, o que fazia com a Anaíde Beiriz. Daí nasceu o mito de que eram cartas de Anaíde Beiriz. Primeiro não eram cartas, eram simples anotações em páginas de João Dantas. É bom observar que há mais de uma família Dantas aqui, como há mais de uma família Aguiar.

Pretendo continuar escrevendo, só vou parar quando morrer. Escrevo para o *Jornal Correio da Paraíba*, um artigo com o meu nome em destaque no caderno 2, caderno de cultura, toda quinta-feira. É um compromisso assumido com o jornal. Mantenho essa coluna há 16 anos. Antes, já tinha escrito para *O Norte* e alguma coisa para *A União*, há algum tempo.

Estou procurando uma nova idéia para escrever um livro, mas ainda não chegou. Não descartei a idéia, seria bom. Já pensei fazer uma seleção desses meus artigos, uma seleção, já dá umas duzentas páginas, não sei. Já dá vários livros, mas o ideal seria selecionar os mais significantes para as duzentas páginas. Eu sou como o meu mestre aqui na Paraíba⁸.

Eu não fiz muita coisa na vida. Hoje, aos 71 anos, tenho essa consciência igual ao Dr Osias Gomes, que foi o diretor do jornal *A União*, em 1930. Morreu,

⁸ Refere-se ao Professor Osias Nacre Gomes, que também foi escritor e desembargador na Paraíba.

desembargador aposentado, e professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba. Dr. Osias Nacre Gomes era um homem moreno, alto, robusto, tinha muita cultura e era um autodidata, aprendeu Inglês e Francês sozinho. Prestou-se como examinador de inglês e francês no vestibular. Formou-se em Direito, em 1930, aos 27 anos. Da sua irmandade, só ele estudou e exerceu atividade literária. Dr. Osias Nacre Gomes foi pobre demais, morava na Rua da Ponte, que hoje é Rua da República, lá em baixo.

Quando recém-formado, me ofereceu o seu livro de memória, eu era um grande admirador dele. No meu livro, *A cidade de quatro séculos*, que é composto de 60 textos, meus e de José Otávio, não só textos, mas também dezenove entrevistas sobre a cidade, ele é um dos entrevistados. Foi uma entrevista de cerca de vinte páginas, grande valor. Era protestante. Quando ele soube da morte de João Pessoa, enlouqueceu, não conseguiu superar o choque. A família o internou. Depois de passar um tempo internado aqui no Sanatório, em Jaguaribe, ele contava que levou, naquela época, choques elétricos terríveis, e depois, para completar o tratamento, a família o levou para a praia do Poço, onde ainda passou um ano, caçando passarinho e pescando, como única atividade. Ficou bonzinho, tanto que viveu 91 anos. Ele me ofereceu o livro *Baruque*, o livro de memórias dele. Eu o admiro muito, mas tenho uma restrição sobre as revoluções de 30, quase não falou, talvez por um mecanismo de defesa natural: esquecer, para não sofrer. Ele contou que sofreu um ataque das faculdades mentais, foi tão sério que, depois de baixar internamento e passar alguns meses em tratamento, precisou de algum tempo de afastamento das atividades profissionais. Seu estado emocional sofreu conseqüências de um tempo muito tumultuado, em 1930. Tinha 27 anos, apenas. Era jovem e já carregava o peso da responsabilidade de diretor do jornal *A União*. Naquele tempo revolucionário, os jornais publicavam textos pesados, fortes, picantes, não amenizavam nada. Chamava as pessoas com apelidos pejorativos, como “Queiroz de fresco”. Era assim, *A União* daqui publicava ofensas, e o outro, *Jornal do Comércio* de Recife, de lá respondia. Era um leva e traz de ofensas. O clima na imprensa ficou insuportável.

Ele escreveu muitos livros, mas, para a cultura que tinha, escreveu pouco. Escreveu muitos artigos de jornais, mas livros, somente quatro. *O Baruque*, um de seus livros, que recebeu o nome de um personagem bíblico, ele o ofereceu a mim, dizendo que a vida dele não teve maior importância ou nenhuma importância, e eu digo a mesma coisa. Eu acho que a minha vida não teve importância nenhuma. Se não fossem esses meus livrinhos, sem maiores méritos, mas são livros, nem a Academia Paraibana de Letras nem o Instituto Histórico e Geográfico Paraibano iam preservar a minha memória. Ali, muitos acadêmicos morreram há dez anos e ficaram no anonimato e no esquecimento. O livro fica. É o livro que nos imortaliza!

Vi um livro de Coelho Lisboa, com 90 anos na época, e quantos livros não tenho? Eu tenho um livro de 1900. O livro é que fica; se não fossem esses meus livrinhos, não sei não, acho que eu morreria, ou já teria morrido de pessimismo. Porque esses meus livrinhos são as coisas que eu mais estimo. Se não fossem eles, não fiz nada na vida, não fui importante, não fui nada. Também não me aborreço por isso.

3 TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA ESCRITORA: NOSSAS (IN) CONCLUSÕES

As narrativas orais dos acadêmicos paraibanos são registros individuais de uma história vivida coletivamente, porque cada indivíduo narrou sua história, envolvendo

muitas pessoas, desde o ambiente familiar ao social. Isso quer dizer que o individual e o social são indissociáveis, o que possibilita uma riqueza de aspectos para analisar as construções e os movimentos da memória das práticas de leituras dos intelectuais em questão, sobretudo, porque, de um simples relato, abre-se um leque de visões e práticas sociais.

Cada entrevistado recebeu o mesmo roteiro básico de perguntas que, em um único encontro, foram respondidas e gravadas; mas alguns itens escaparam da seqüência narrativa do narrador que, mergulhado no seu passado, as lembranças fluíam de tal maneira que ele, às vezes perdia-se no leque infinito dos aspectos da memória. Em alguns momentos, coube-nos, trazer o entrevistado de volta ao tema da pesquisa.

Posteriormente, no reencontro para revisão, algumas respostas foram ampliadas, e alguns pensamentos descartados. Isso significa que a construção da memória é um processo sem fim.

Quando narramos uma história pela segunda vez, não a narramos com os mesmos detalhes da primeira, porque também não somos os mesmos no segundo momento. No movimento da nossa memória, somos dirigidos pelas emoções, pela percepção de nós mesmos, dos seres à nossa volta e do meio ambiente, e todos esses aspectos são mutáveis, como também o é a memória, pois, sendo ela uma lembrança viva de pessoas e grupos, adquire diversas formas em situações sociais e históricas. São as nossas experiências individuais e coletivas que colocam a memória em constante movimento a partir dos desafios sociais, políticos e culturais. Portanto, a memória é construída num processo inacabado.

Outra razão de mudança é que, no primeiro momento, os acadêmicos eram narradores; no segundo, momento, eram leitores-narradores. Enfim, as narrativas receberam o desenho que cada um considerava mais apropriado para tornar público, embora predominem lembranças relacionadas à temática práticas de leitura.

Face às reflexões apresentadas pelos acadêmicos, nas suas narrativas, podemos voltar às questões formuladas: Como se constroem as práticas de leitura de intelectuais paraibanos que presidiram a Academia Paraibana de Letras? O que liam? Como liam?

Numa percepção holística, podemos ver que há uma certa homogeneidade nessas práticas de leitura dos escritores paraibanos entrevistados. Os acadêmicos aprenderam a ler precocemente, com exceção de Manuel Batista de Medeiros, que aprendeu a ler aos dez anos de idade. Gostavam de ler e liam muito. Liam por prazer, por divertimento e para cumprimento dos deveres de estudantes e profissionais. Liam livros e jornais, porém, mais acentuadamente, os livros. Liam vários gêneros literários; uns davam preferência aos romances, às poesias, outros, à história - fatos e ficção. Liam, ainda, filosofia, teologia, religião e outros conteúdos relacionados à profissão.

As pequenas diferenças nas práticas de leitura se devem às diferenças pessoais, às influências do contexto familiar e social. Em toda diversidade, vêem-se aspectos comuns, como por exemplo: iniciaram as práticas de leitura ainda na infância; os autores, romancistas e poetas lidos eram praticamente os mesmos; e os locais de leitura eram quase sempre as bibliotecas públicas ou as bibliotecas dos colégios onde estudavam. Fragmentos extraídos das narrativas comprovam nossas considerações:

[...] Com cinco anos já lia, contava e fazia algo mais. [...] Gostava muito de história, e me instigava à leitura, o livro de Eudésia Vieira, *História da Paraíba*. [...] No primário, lia livros didáticos e lia intensamente a Bíblia. [...] Eu lia o que achava agradável... enquanto estudante, lia para aprender, para me instruir, por exemplo, livros didáticos, livros de Direito...[...] Já na adolescência... comecei a ler

romance... dava preferência ao gênero romance. [...] Li muitos romances... de José Lins do Rego... José Américo... Romeu Rolland. [...] Li muito também Graciliano Ramos... Gilberto Freire. E lia livros com muita emoção, muita paixão. Li muitos livros sobre Marx, Engel, sobre o marxismo, as diversas modalidades do socialismo. (JOACIL DE BRITTO PEREIRA, 2006)

Tinha cinco anos quando aprendi a ler. [...] Então elas [amigas da mãe] começaram a me presentear com livros e era a coisa realmente que eu mais gostava de receber... Li, acho que com uns sete anos, *Barão de Mouchause*. [...] Lia com esse lúdico... Com quatorze anos eu devorei *Crime Castlho*...[...] na biblioteca da minha casa... fui lendo aos poucos toda a obra de Eça de Queiroz e de Machado de Assis... [...] freqüentava a biblioteca do colégio e comecei a descobrir outras obras. [...] uma influência muito positiva que tive... o escritor Ascendino Leite,... enviuvou de uma tia minha, e eu freqüentava a casa dele... tive a oportunidade de conviver com grandes nomes da literatura brasileira... Carlos Drumond de Andrade... José Montello, Machado de Assis... José Lins do Rego, eu o considero o melhor ficcionista, o mais autêntico, o mais completo romancista brasileiro. (LUIZ AUGUSTO CRISPIM, 2006)

[...] tinha dez anos... não sabia ler propriamente, conhecia as letras e alguns algarismos... aproximado da alfabetização. [...] livro de leitura *João Pergunta*. Estudei nele... *A fada Higia*...Despertei o gosto da leitura pelo jornal... Lia para ele [o pai] e gostava de ler para mim. [...] Gosto de ler história, narrativas, crônicas, a literatura em geral. Como padre, é evidente que os livros religiosos tinham preferência... li o *Conflito* de Paulo Setúbal... Li o livro de História de Gustavo Barroso... li as obras dele. E na Literatura, eu penetrava muito na literatura latina. [...] Lia por obrigação de ser professor, lia por gosto, sempre fui dedicado à literatura em geral... lia os livros básicos e gostava de ler. [...] agora mesmo estou lendo... um romance... *Os órfãos da Revolução de 30*, ...*Sumário das Armadas*, história também. [...] Toda noite, ...duas coisas eu faço: ler, esses livros... leio também obra religiosa, teologia, filosofia, sempre leio. Leio por prazer, por necessidade e por hábito. (MANUEL BATISTA DE MEDEIROS, 2006)

[...] Fiz o primeiro e segundo ano primário com sete anos de idade... Já li muito. [...] Dava preferência aos livros de história política. [...] Na minha adolescência, ... Li todas as obras de José Lins do Rego. [...] Aprendi muito, lendo os grandes jornais. [...] Também li Graciliano Ramos... Machado de Assis... Lima Barreto. [...] Todo esse acervo de romancistas, eu li na biblioteca pública. (WELLINGTON H. V. de AGUIAR, 2006)

Nas narrativas, em geral, percebe-se um certo domínio pelo intelecto. O saber, a capacidade intelectual, elevava os indivíduos e os distinguia dos outros. Isso é mais uma confirmação de que há uma relação intrínseca da intelectualidade com as práticas de leitura, bem como alguma relação de poder cultural e político com os intelectuais e autores-leitores. Alguns fragmentos das entrevistas revelam essa percepção:

Devo dizer que, desde criança, demonstrei certa vocação para o uso da palavra. [...] Tinha cinco anos de idade quando falei em público pela primeira vez [...] dava ‘quinal’ nos colegas que não sabiam responder às perguntas da professora. [...] Fui aluno laureado e orador da minha turma, aliás fui orador de todas as turmas onde concluí cursos. [...] Sempre tive o dom da oratória, que se manifestou mais intenso na minha adolescência. [...] Era um líder estudantil dos mais ousados, dos mais afoitos... [...] Lia muito e aprendia muito, fui aluno que só tirava nove e dez, por isso fui laureado com um prêmio de uma viagem à Europa. [...] Tenho o título de Cidadão Pessoaense... Cidadão Paraibano...são mais de oito municípios que me conferiram esses títulos. [...] Fui Deputado Estadual e Deputado Federal. [...] Sou presidente da Academia, já no quinto mandato. [...] e também ingressei no Instituto Histórico e Geográfico Paraibano, do qual cheguei a ser presidente por dois mandatos. (JOACIL DE BRITTO PEREIRA, 2006)

[...] fui premiado com o Prêmio Esso de Jornalismo... que é uma espécie de Oscar do jornalismo brasileiro [...] fui muito precoce na leitura. [...] *Por estética do Real* [primeiro livro do escritor], um ensaio interessante sobre o qual Tarcisio de Miranda Burity se referiu como sendo a obra madura, apesar de eu a ter escrito aos vinte e dois anos. (LUIZ AUGUSTO. CRISPIM, 2006)

Graças a Deus, tirei o primeiro lugar no vestibular para o curso de Filosofia. [...] Fui professor de latim dos padres. [...] O UNIPÊ ..., foi seu amigo que idealizou e foi o primeiro Reitor. (MANUEL BATISTA, 2006))

[...] fiz o vestibular com opção para Direito... passei num bom lugar... entre os dez primeiros. [...] No Rio de Janeiro, eu tomei conta da Sucursal do Correio da Paraíba. [...] fiz concurso público de provas e títulos para Promotor de Justiça. Passei dentro das vagas iniciais. [...] João Agripino me convidou para ser Procurador Jurídico do Tribunal de Contas... Ele me elogiava em toda parte, como homem direito, homem decente. [...] Escrevo para o jornal Correio da Paraíba, um artigo com o meu nome em destaque, ... no caderno de cultura, toda quinta-feira. (WELLINGTON H. V. de AGUIAR, 2006)

Passando os olhos ligeiramente na trama das narrativas, é possível destacar alguns fios que refletem a ânsia de registrar a memória, de perpetuar-se na história; os narradores deixaram escapar, claramente, esse desejo, nos fragmentos:

[...] Se eu não guardar num livrinho chamado Memória das águas moídas, elas correm e ninguém sabe o que foi que aconteceu. (MANUEL BATISTA, 2006)

[...] um livro que se edita e se entrega ao público é como se fosse um filho espiritual, a nossa alma está naquele livro. [...] Tenho até um livro de memória que narra quase tudo da minha vida. (JOACIL DE BRITTO, 2006)

[...] Se não fossem esses meus livrinhos... nem a Academia Paraibana de Letras nem o IHGP iam preservar a minha memória. Ali muitos acadêmicos morreram, há dez anos, e ficaram no anonimato e no esquecimento. O livro fica. É o livro que nos imortaliza. [...] se não fossem esses meus livrinhos... acho que eu morreria. (WELLINGTON DE AGUIAR, 2006)

[...] Essas tintas acabaram imprimindo uma parte da minha biografia. [...] Como eu, muitos outros acadêmicos tiveram oportunidade de se comunicar com a sociedade e deixar o registro do seu pensamento, de suas idéias, de modo a perpetuar também. (LUIZ AUGUSTO CRISPIM, 2006)

Outro aspecto observado nas práticas de leitura dos intelectuais da APL é a influência da família, especialmente dos pais, de professores e escritores. Todos os entrevistados incluíram experiências paternas e maternas, lembraram nomes de professores e de escritores dos livros que liam, bem como o título dos livros. Esse resultado leva-nos a crer na importância que esses três seguimentos da sociedade têm para a construção das práticas de leitura de qualquer indivíduo, especialmente se essas influências ocorrerem no início da vida.

Todas as narrativas estão permeadas de autores clássicos, e por que não dizer, de autores-leitores? Como já foi questionado, haverá escritores que não tenham lido? Compreendemos que toda produção textual possui, em si mesmo, um autor-leitor. Os nossos entrevistados iniciaram suas atividades intelectuais como leitores, mas hoje, além de leitores são, também, autores.

Tecendo os fios da memória dos escritores paraibanos que presidiram a Academia Paraibana de Letras, temos, como resultado, nova tapeçaria textual no campo das práticas de leitura, que poderá servir de agasalho em outros invernos.

Esta nova tapeçaria estará à mercê de novas tramas e de novos entrelaçamentos de fios de memórias que se abrirão à escuta e que, certamente, surgirão de ecos de lembranças inscritas e sepultadas no passado, mas que poderão ser trazidas para o presente, no tempo e no espaço, de forma infinita.

NARRATIVES OF READING: Paraibanos' academy memories

Abstract

This work records some Paraibanos' narratives of reading, mainly from those who were once in the presidency of the Academia Paraibana de Letras and are still alive. It was used as a methodological theoretical reference the presuppositions from the oral history focusing on the reading practice matter.

Keywords:

***READING PRACTICE
MEMORY
READING***

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CHARTIER, Roger. (Org.) **Práticas da Leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

FARIA, Fernando Antônio (Org.). **Idéias, intelectuais e instituições**. Rio de Janeiro: Lahsoe, 2003.

FARIA, Regina; MONTENEGRO, Antônio (Orgs.). **Memórias de professores: histórias da UFMA e outras histórias**. São Luiz: UFMA; Brasília: CNPq, 2005.

GONZALEZ, Horácio. **O que são intelectuais**. São Paulo: Brasiliense, 2001. 130 p. (Coleção primeiros passos, 29).

GROSSI, Yone de Souza; FERREIRA, Amauri Carlos. Razão narrativa: significado e memória. **Revista da Associação Brasileira de História Oral**, São Paulo, n. 4, p. 25-38, jun. 2001

HOLLIDAY. Oscar Jará. **Para sistematizar experiência**. João Pessoa: Editora Universitária, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: UNICAMP, 1996. 553 p. (Coleção Repertórios).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MORAIS, José. **A arte de ler**. Tradução Álvaro Lorencini. São Paulo: UNESP, 1996. (Enciclopaidéia)

PÉCORA, Alcir. O campo das práticas da leitura, segundo Chartier: introdução à edição brasileira. In: CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura**. Tradução Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 9-17.